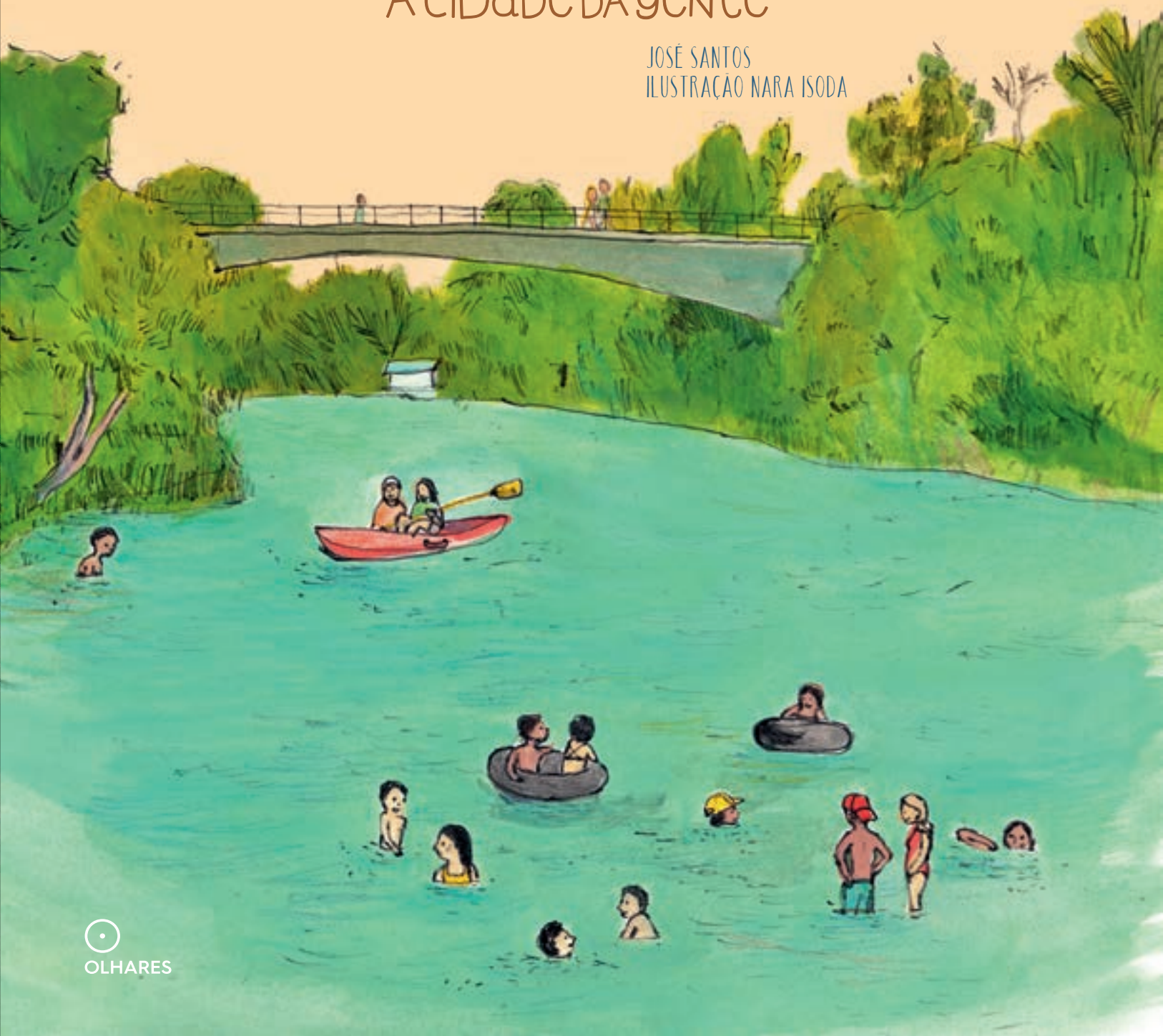


BALSAS

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS
ILUSTRAÇÃO NARA ISODA





A watercolor illustration of a young boy with dark hair, wearing a red t-shirt and dark shorts, sitting on a thick, dark tree branch. He is looking to the left. The background is a soft, light blue sky and a green, grassy field. The tree's leaves are visible at the top right.

BALSAS

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS
ILUSTRAÇÃO NARA ISODA



OLHARES

São Paulo 2016

Educação que transforma

Segundo dados do Ministério da Educação, a falta de recursos em escolas públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social no Brasil ainda é uma realidade, apesar dos avanços. Além de trabalhar para ser parceira da agricultura nacional, a Monsanto busca contribuir com o desenvolvimento da sociedade brasileira como um todo, principalmente das comunidades onde atua.

E é exatamente isso que faz o projeto A cidade da gente, apoiado pela empresa. A iniciativa viajou por cidades brasileiras e levou alunos da rede pública aos principais núcleos históricos e pontos turísticos de seus municípios, tendo como resultado a publicação de uma série de livros. As impressões coletadas e retratadas pelo autor José Santos em Balsas dão vida a este livro.

Conhecer a história do lugar em que se vive é mergulhar na própria origem. Nosso compromisso é tornar as crianças protagonistas de sua história, contribuindo com o desenvolvimento da educação do Brasil.

A contribuição responsável está no DNA da Monsanto. Somos uma empresa agrícola que desenvolve soluções integradas e seguras para auxiliar no avanço responsável da agricultura e da produção de alimentos, mas também investe continuamente em estimular e difundir práticas de desenvolvimento social, pois acreditamos no equilíbrio social, ambiental e econômico. Assim reforçamos nosso compromisso com o desenvolvimento da agricultura brasileira, com responsabilidade e sustentabilidade.

Nas próximas páginas, você acompanha os resultados deste trabalho.

Monsanto



Apresentação

Valorizar a própria história é um trampolim para a autoestima e a realização pessoal. Com esse norte, a coleção A cidade da gente investiga a história e o cotidiano de pequenas e médias cidades brasileiras, em parceria com as crianças e professores de escolas públicas locais. O resultado são livros infantojuvenis que prometem se tornar importantes referências de conhecimento, apoiando a perpetuação e a disseminação das memórias dessas cidades e ampliando a percepção das crianças sobre sua identidade e o ambiente onde vivem.

O processo de produção deste livro envolveu momentos mágicos de interação do autor, o escritor José Santos, com a comunidade das Escolas Municipais de Balsas, misturando memória e literatura. E o encontro continuou na página eletrônica do projeto, na qual, além das redações dos alunos, há uma série de sugestões para a investigação dos temas locais em sala de aula.

O patrocínio da Monsanto e a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Balsas foram fundamentais para o livro e a distribuição de sua tiragem inteira, gratuitamente, na rede pública de ensino da cidade.

Boa leitura.



Sumário

12 Rio Balsas

24 Festejos

36 Buriti

42 Mercado público

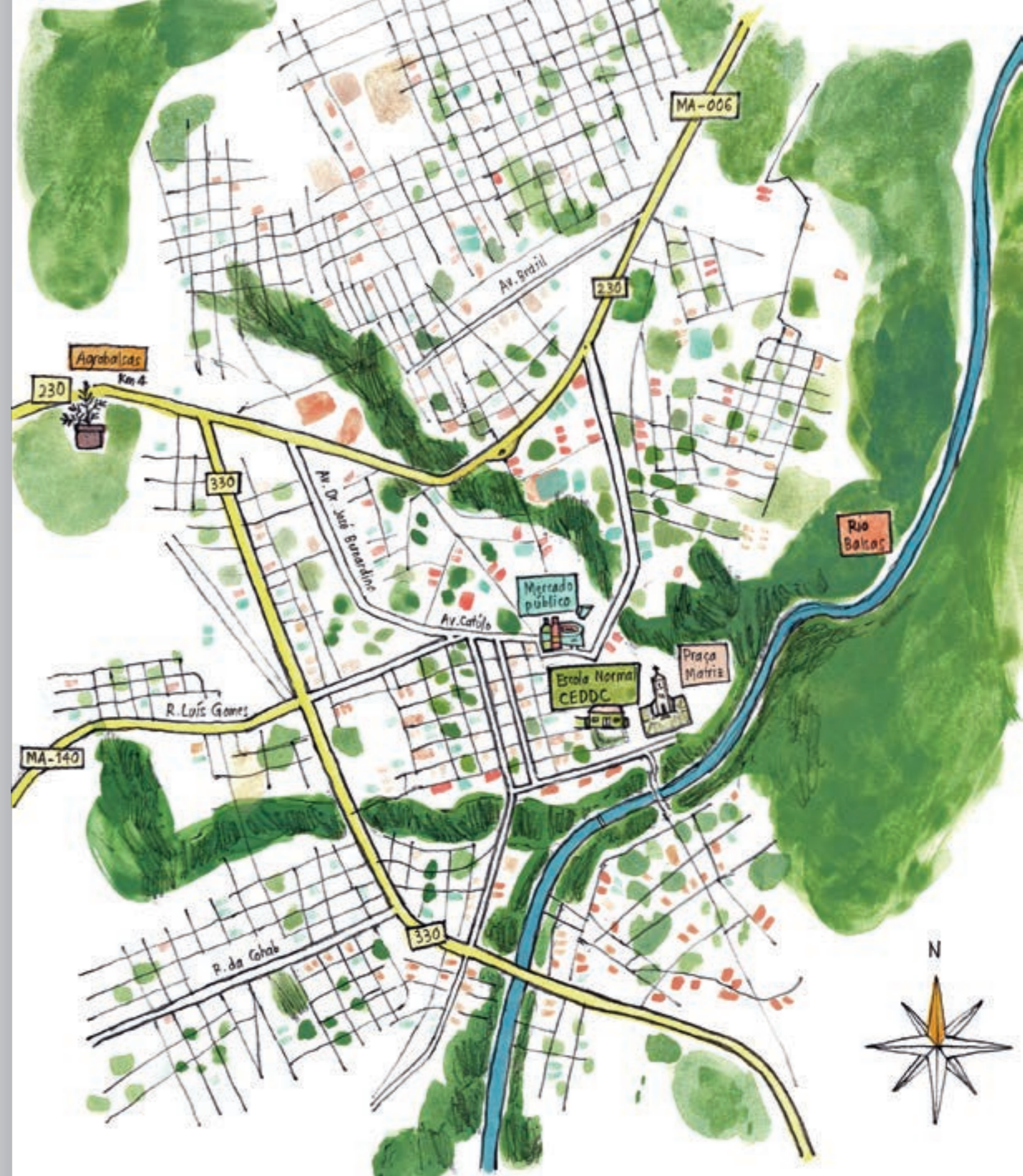
48 Reisado

54 Escola Normal

60 Culinária

66 Agrobalsas

72 Praça da Matriz - Praça Getúlio Vargas





Nossa cidade fica no sul do Maranhão e é chamada carinhosamente de "Balsinha de Açúcar". No rio que corta o município, havia sempre muita gente navegando, e as principais embarcações eram balsas. Isso deu nome ao rio e, mais tarde, ao lugar.

Hoje, vivem aqui mais de 83 mil pessoas, 12 mil delas na zona rural. A maioria trabalha na produção agrícola, ou seja cultivando o arroz, a soja, o milho e o algodão. É aqui no sul do Maranhão se colhe tanto, que o nosso estado já é o segundo produtor de grãos do Nordeste, perdendo apenas para a Bahia.

Em 2018 nossa cidade completará 100 anos e vamos festejar bastante. Mas bem antes disso, já havia gente vivendo aqui, pois é uma região fértil, com muita água e muita mata. Boa parte de nosso povo – ou seus pais e avós – veio de longe para morar nesse pedacinho do Maranhão. Além de nordestinos de outros estados, recebemos de braços abertos paranaenses, catarinenses, gaúchos, paulistas e até gente de outros países, pois somos um povo caloroso e acolhedor.



É no meio disso tudo, estão milhares de crianças que frequentam nossas escolas, passeiam pelas avenidas, brincam nas praças e no rio. Elas participaram da realização do livro, através de suas escolas. E vamos agradecer a todas elas, uma por uma: E. M. Agostinho Neves, E. M. Francisco Coelho dos Santos, E. M. Mariinha Rocha, E. M. Mons. Clóvis Vidigal, E. M. Eliezilda Coelho Rocha, E. M. Senador Alexandre Costa, E. M. Moisés Coelho e Silva, E. M. Elias Alfredo Cury, E. M. Dr. José Bernardino Pereira da Silva, E. M. Maria Justina Serrão, E. M. João Botelho Filho, E. M. Pe. Ângelo de Lassalandra, E. M. Maria do Carmo, E. M. Prof^a Virginia Cury e E. M. Deputado Francisco Coelho.

É também é importante fazer um agradecimento especial à Luciana Maria Cardoso, da Secretaria Municipal de Educação, que, com sua participação ativa, muito nos ajudou. Com o apoio de toda a comunidade escolar, com toda a sua paixão e envolvimento, foi que conseguimos publicar este livro. Um olhar amoroso sobre a cidade de Balsas, que afinal é de todos nós.

An aerial watercolor illustration of a town situated along a large, winding river. The river is a vibrant blue, and the surrounding landscape is lush green with various shades of foliage. The town features numerous houses with red and brown roofs, some with white walls. Two bridges cross the river: a long, narrow wooden bridge on the left and a larger, more complex bridge on the right. The overall style is soft and artistic, typical of watercolor painting.

Rio Balsas

O Rio Balsas é tão importante para nós que dá o nome da nossa cidade. Ele nasce no ponto de encontro da Chapada das Mangabeiras com a Serra do Penitente, na divisa entre Maranhão e Tocantins. Corta todo o sul do nosso estado e, depois de correr mais de 500 quilômetros, vai desaguar no Rio Parnaíba, próximo das cidades de Benedito Leite (MA) e Uruçuí (PI). Aliás, com esse tamanho, ele é o maior afluente do Rio Parnaíba.

Para tanto rio, é preciso haver pontes, não é? E a cidade tem três pontes principais: a de madeira, que é a mais antiga, a de cimento e a maior delas que se chama Ponte da Amizade.

O rio é a "praia" da cidade, seu grande ponto de encontro. Nele, os balsenses nadam, pescam e se divertem. No centro da cidade, há arquibancadas de cimento às margens do rio. Há também vários bares e uma grande área de lazer. No mês de julho, o número de turistas aumenta muito por causa do "Verão Balsas", um evento da prefeitura com shows de música na beira do rio. É imperdível!

Outro grande programa de Balsas é a descida do rio, com boias grandes de caminhão. Mas é preciso ter pique: a aventura dura cerca de sete horas.





No passado, todo o trânsito entre Balsas e comunidades vizinhas era feito por balsas. Balsas feitas de buriti. Confiram no desenho: parecia uma casinha flutuante, um galpãozinho com telhado de folhas, que tinha até um canto para fazer o fogo. E um canto macio para as crianças dormirem.

Como a viagem podia durar muitos dias, a família passava o tempo conversando, banhando-se no rio, brincando com os animais, pescando e cozinhando – tudo que nós costumamos fazer, só que em cima da água.

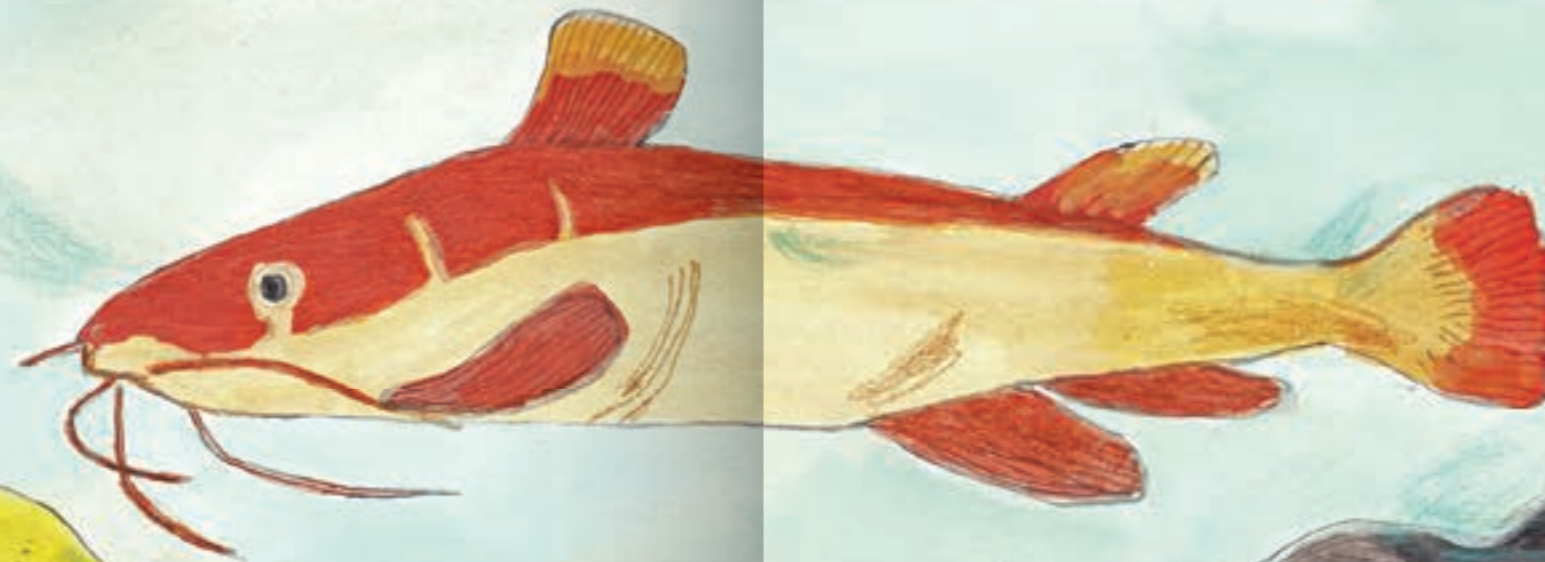
Aqui em Balsas as crianças podem viver em contato com a natureza, e isso faz muito bem. Bem para o corpo e para a mente também. Respirar ar puro, se banhar no rio e nas cachoeiras... isso é que é vida!

Passar pelos cipoais, ficar debaixo do pé da cajarana... Reconhecer o amarelão e a ingazeira no meio de tantas outras árvores... E, é claro, abraçar o tronco do buriti. Essa árvore, tão útil, faz parte da família de muita gente aqui.



O reino das águas é muito movimentado nessa região. Muitos cardumes passam por nosso rio, como os de tucunaré, pintado, surubim e piau-cabeça.

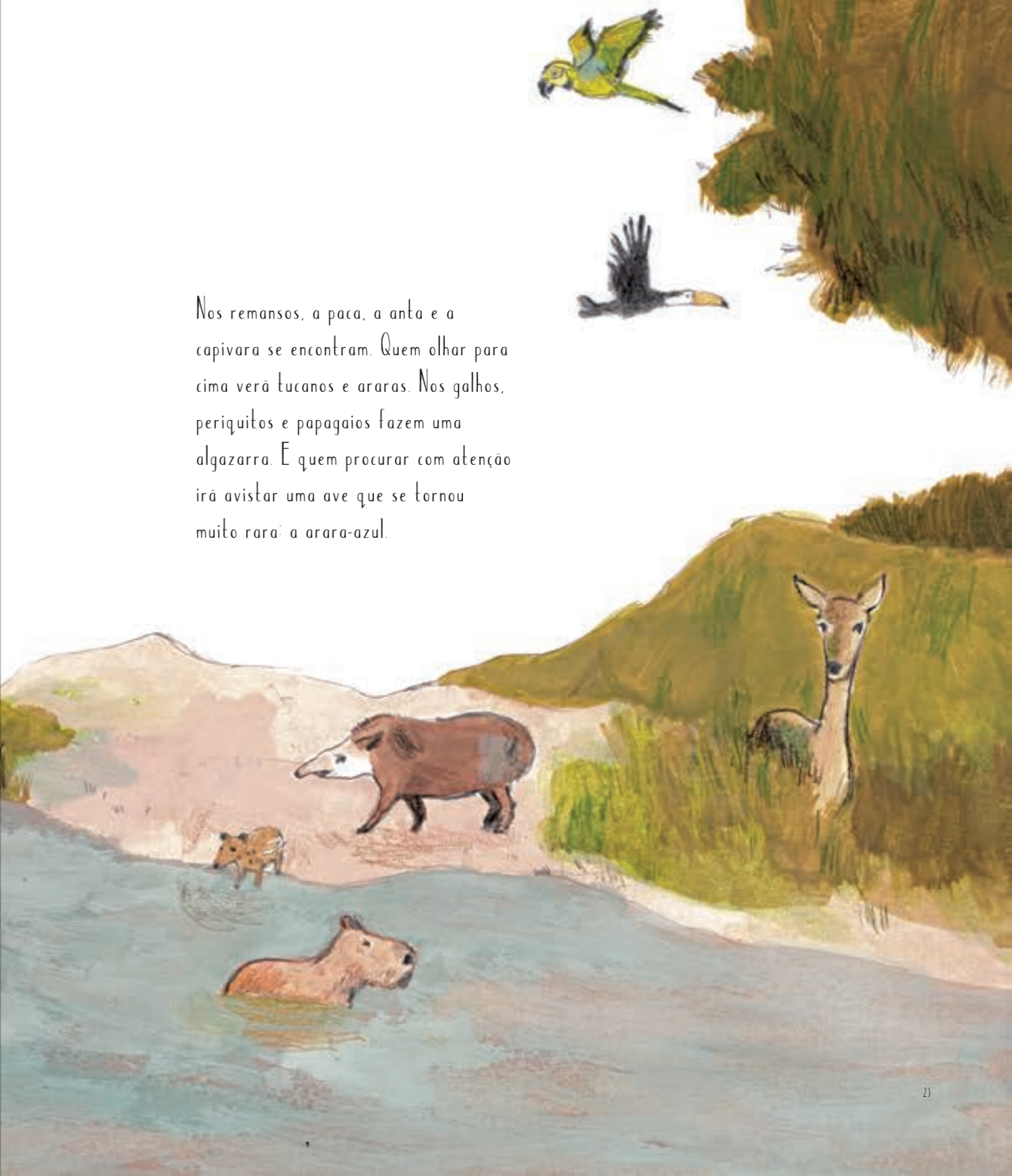
Em alguns lugares existem arraias e também piranhas; neles, todo o cuidado é pouco.



É, entre as árvores, encontramos muitos mamíferos e aves. Num primeiro momento, a gente consegue ver poucos deles, pois se escondem muito bem. Por aqui ainda há o veado, que vive fugindo da onça pintada.



Nos remansos, a paca, a anta e a capivara se encontram. Quem olhar para cima verá tucanos e araras. Nos galhos, periquitos e papagaios fazem uma algazarra. É quem procurar com atenção irá avistar uma ave que se tornou muito rara: a arara-azul.



Festejos

A maior festa de Balsas acontece por 13 dias seguidos, a partir de 31 de maio. Imaginem que chegam devotos de várias outras cidades, como Riachão, Nova Colina, Fortaleza e Loreto, todos reunidos para louvar Santo Antônio com grande fervor. A igreja, que já é bonita, fica uma lindeza, enfeitada com bandeirinhas coloridas.





São duas semanas inteirinhas em que o povo não para de celebrar. A abertura é sempre com o Chá da Tia Maria, com missa e festa. E, é claro, com as dezenas de barracquinhas espalhadas em torno da praça da Matriz. As crianças ficam fascinadas e querem parar em todas.

Cada barraca tem seu responsável, como as secretarias da prefeitura, paróquia, comunidades... Ou as pastorais, como a pastoral carcerária e a bíblica. Nelas podemos encontrar comidas típicas de dar água na boca: panelada, vatapá, chambari, paçoca e Maria Isabel. E as crianças? Elas estão de olho em na pipoca, no crepe, na maçã do amor e no doce de buriti.



No dia 12, acontece um dos pontos altos dos festejos. É o dia do Vaqueiro. Celebram-se os vaqueiros nordestinos e se agradece tudo que eles fazem pelas comunidades.

Uma missa diferente, a Missa do Vaqueiro, é rezada em praça pública. As pessoas podem assistir a ela montadas em seus animais, e nem precisam tirar o seu chapéu. Aliás, o próprio padre usa um chapéu de couro durante a celebração.





Mais tarde, dá-se início a uma procissão até o Parque de Exposições. Em seus valentes jumentos ou em cavalos de raça, vaqueiros e vaqueiras atravessam a cidade, saudados pelo povo.

É, no parque, tem muita diversão. Além das muitas barracas, acontecem cavalgadas e corridas. As crianças se juntam para ver e ficam sonhando em ser grandes cavaleiros quando crescerem.



Durante os Festejos, muitas famílias se reencontram. É muita alegria. Vários parentes chegam nessa data e querem cumprir uma promessa tradicional: a de acompanhar os 13 dias de atividade, participando das missas e ajudando nas outras atividades.



Há quase 20 anos, surgiu a ideia de se criar uma procissão fluvial de Santo Antônio. E a ideia teve excelente acolhida, tanto que hoje já faz parte do calendário oficial da cidade. Os devotos saem bem cedinho, num domingo, do Porto da Chácara Pendanga. E vão de boia, canoas, barcos e até com barulhentos *jet skis*. Pela água desliza a imagem do padroeiro, até chegar ao Porto das Caraibas, onde ela é esperada com muita alegria.





Já falamos muito dos festejos. Agora, vamos saber mais sobre o festejado. Santo Antônio é um importantíssimo santo. Nascido em Portugal, foi um doutor da igreja, homem de muita leitura e também de muita ação. Morou em Lisboa por um bom tempo, mas depois se mudou para a Itália. Por isso, ele é também conhecido como Santo Antônio de Pádua, e tem gente que acha que ele era italiano, grande fã de pizza e espagete. Mas não confundam: nosso santinho nasceu falando português. Ele tem a fama de ser um santo casamenteiro, e muita gente vem pedir sua ajuda para achar a pessoa certa. É preciso trabalhar dia e noite para ouvir tantos pedidos, de todas as idades. E atende a maioria, sabiam? Muitas são as histórias de quem encontrou nessa época a sua sonhada cara-metade.



Buriti

O buriti pode medir até 25 metros de altura, e é comum vê-lo em veredas, nascentes, brejos, rios, riachos e cachoeiras. Seu nome científico é *Mauritia flexuosa* e ele pertence à família *Arecaceae*, portanto é primo da carnaúba e do babaçu. Mas, na boca do povo, o buriti tem muitos outros nomes. Veja só: coqueiro-buriti, buritizeiro, miriti, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu e carandai-guaçu. Será que você conhece algum outro?

Essa variedade de apelidos é sinal da intimidade que o povo de cada região tem com ele, porque o fato é que o buriti é um presente da natureza para todos nós. Ele é uma árvore com mil e uma utilidades. Além de nos alimentar, serve para nos vestir, nos cobrir, nos transportar e até nos curar. E também protege os olhos d'água – podem observar que onde tem olho d'água, tem buriti por perto.

E mais uma informação interessante: a palmeira do buriti é considerada a mais abundante do país. Há enormes buritizais espalhados pelas regiões do Cerrado, do Pantanal e da Amazônia, e eles aparecem também em outros estados. Na verdade, só não veremos buritis no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. É uma árvore que simboliza o Brasil.



O buriti é utilíssimo, dele tudo se aproveita. Tudo, mesmo! Da sua madeira podemos fazer móveis, embarcações (como a balsa) e até construir pontes. Já sua fibra é usada na fabricação de tapetes, toalhas de mesa, redes, bolsas, brinquedos e bijuterias.



Seu fruto é rico em vitaminas A, B e C, fornecendo cálcio, ferro e proteínas. É usado medicinalmente pela gente dos cerrados como prevenção dos vermes e fungos, além de ser cicatrizante e energético natural. É mais: por causa do seu aroma e outras propriedades naturais, ele também se transforma em produtos de beleza, como cremes para pele e cabelos, xampus, filtros solares e sabonetes.



Nas cozinhas de Balsas, o buriti é presença certa. Do seu fruto tiramos um azeite muito especial, que ajuda no preparo de vários pratos. E também tomamos o suco, tirado da polpa, e fazemos deliciosos doces, bolos, biscoitos, musses e picolés.

Você já tinha parado para pensar no quanto o buriti é útil na nossa vida e de nossas famílias?



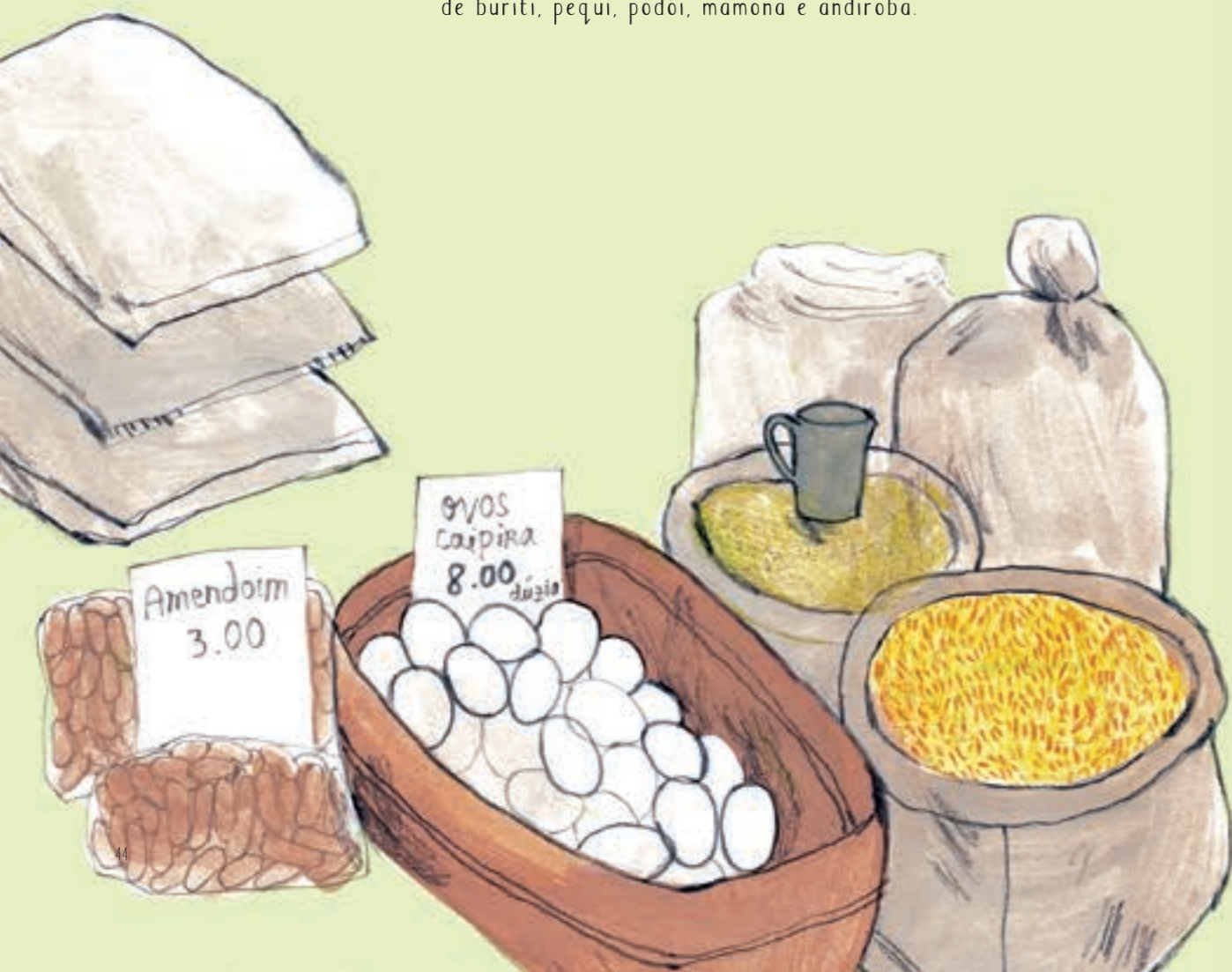
Mercado público

Toda cidade tem o seus mercados e estes são sempre lugares dos mais interessantes para se visitar. Conhecer as bancas e conversar com seus vendedores no Mercado de Balsas é fazer um mergulho no que o Maranhão tem de mais importante: a cultura do seu povo.

Nosso mercado fica na Praça Antonio Pereira e ali encontramos de tudo, de cereais até remédios, passando por ferramentas e brinquedos artesanais. Sim, brinquedos semelhantes aos que nossos avôs usavam: bonequinhas, chocalhos, carrinhos e bichos feitos de buriti, além do infalível apito de madeira feito pra chamar as rolinhas.

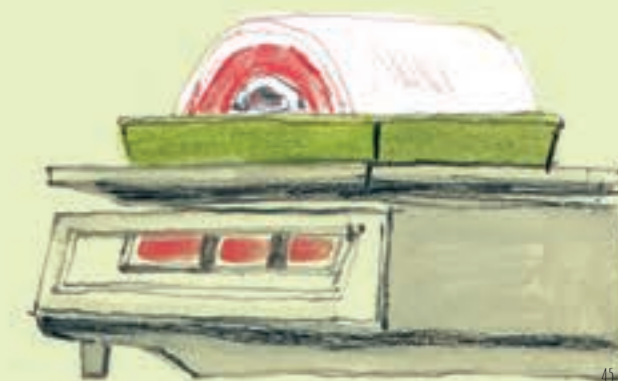


Você quer farinha de puba ou farinha seca? No mercado tem. E tem feijão roxo ou verde, fava branca pequena e branca grande. Gergelim branco e preto. Mel de abelha tiúba e europa, também conhecida como "italiana". Além disso, encontram-se muitas variedades de azeite: de buriti, pequi, podói, mamona e andiroba.



Nas seis bancas de açougue, tem de tudo um pouco: carne de sol, toucinho, banha de porco e linguiça caseira, além das fuçuras de boi, bode e porco, que são as entranhas e órgãos internos desses animais. E há também as comidas feitas na hora, com aquele delicioso tempero caseiro:

galinha caipira, sarapatel, panelada ou buchada, chamberi (ou chamberil), feijão de caldo, bife, peixe frito ou com leite de coco. Fale a verdade: já deu fome só de ler isso aqui!



É no mercado está sempre a dona Deusa, famosa por ter uma banca com ervas, cascas de árvores e produtos medicinais, uma verdadeira farmacêutica popular. Ela disse que com cascas e folhas várias doenças podem ser curadas. Jatobá para anemia, ameixa do campo para úlcera... e com açoita-cavalo, vão-se as inflamações.



É há também sementes. A de imbiriba ajuda na dor de coluna. O pau-ferro, na diabete. É o urucum, para problemas no coração. Dona Deusa recomenda os chás de macela e camomila como calmantes e o de cebolinha branca para afastar a gripe. É ainda tem remédios já preparados, muito curiosos: as Gotas do Zeca ajudam na ressaca e dores do fígado. A banha de cascavel cura várias doenças dos cavalos. Assim como dona Deusa, existem várias pessoas no mercado que conhecem muito sobre a nossa natureza – verdadeiros mestres da botânica popular.



Reisado

O Reisado é uma tradição de séculos, trazida pelos portugueses para a América, e sua prática é importante e respeitada pelo povo de Balsas, com a participação de muita gente da cidade. O costume local é de que a festa comece no dia 25 de dezembro.

Sim, pois foi nesse dia que uma estrela especial apareceu no céu e guiou os três reis magos ao encontro do Menino Jesus. E o trio viajou longas distâncias, encontrando perigos e aventuras até chegar a Belém. E lá, encontrou numa manjedoura, a Sagrada Família.



O Reisado dura até 6 de janeiro. São doze dias e noites de atividades, encerrando nesta data especial, justamente o Dia de Reis. Todos sabem seus nomes, mas vamos relembrar: Melchior, Baltasar e Gaspar eram os reis do Oriente que trouxeram oferendas para o menino e festejaram sua chegada.

A festa tenta mostrar essa longa jornada dos reis ao seguir a estrela. Por isso, os cortejos param todas as noites em casas diferentes, ceando e rezando.

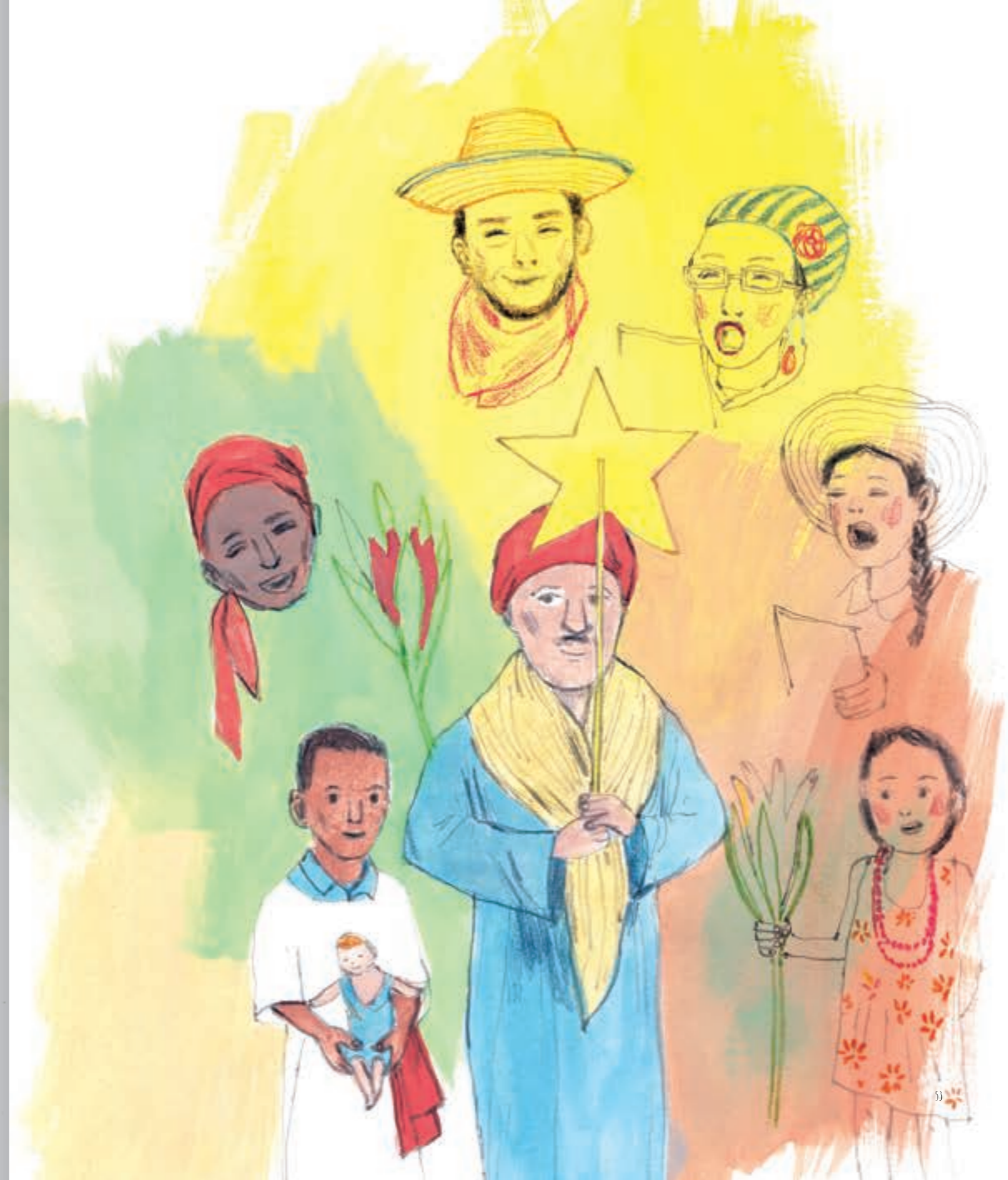


Aqui acontece assim: um grupo liderado por um pagador de promessas sai cidade adentro, "tirando sua esmola". Por toda a noite, visitam as casas, cantando os Santos Reis e recebendo a esmola, que é oferecida de acordo com o que cada um consegue dar no momento. Essa esmola pode ser em dinheiro ou prendas, como porcos, cabras, ovelhas, ou até uma vaquinha, dependendo da generosidade do festeiro.

Os personagens do Boi de Reisado são as cantadeiras, os caretas, os contramestres, a burrinha, o boi e os salambisqueiros. Os músicos que os acompanham são o sanfoneiro, os tocadores de zabumba e triângulo e um rabequeiro.

TRECHO DO CANTO DE ENTRADA

*Boa noite, boa noite
No terreiro da varanda (bis)
Senhora dona da casa
Santo Rei já vai chegando (bis)
Tum, tum, tum, bateu na porta
Menina vai ver quem é (bis)
É o cantador de Reis
Mandado por São José (bis)*



Escola Normal

Era o mês de junho de 1952. O calor era grande; eles suavam sem parar. Sete homens acabavam de entrar na cidade, com roupas escuras e rostos de estrangeiros. Instantes depois começava o grande barulho. A população toda soltava foguetes para receber os visitantes. Até o sino da Matriz tocava. Os sete homens sorriam.



Eles eram missionários combonianos, vindos da Itália. Vieram começar uma escola, pois perceberam que a cidade estava em crescimento e precisava do ensino de segundo grau. E assim foi feito. Em 25 de setembro de 1958, com ajuda também das irmãs Capuchinhas, a escola foi inaugurada.



Em 1963, houve a instalação do curso normal para a formação de novos professores; foi quando a escola passou a ter o nome Escola Normal. Aqui passaram muitas gerações de professoras, gente querida, que os alunos jamais esquecerão.

A escola atende hoje 500 alunos nos turnos matutino e vespertino e conta com 44 educadores, a maioria ex-alunos. Pergunte para a sua professora se ela também estudou lá.



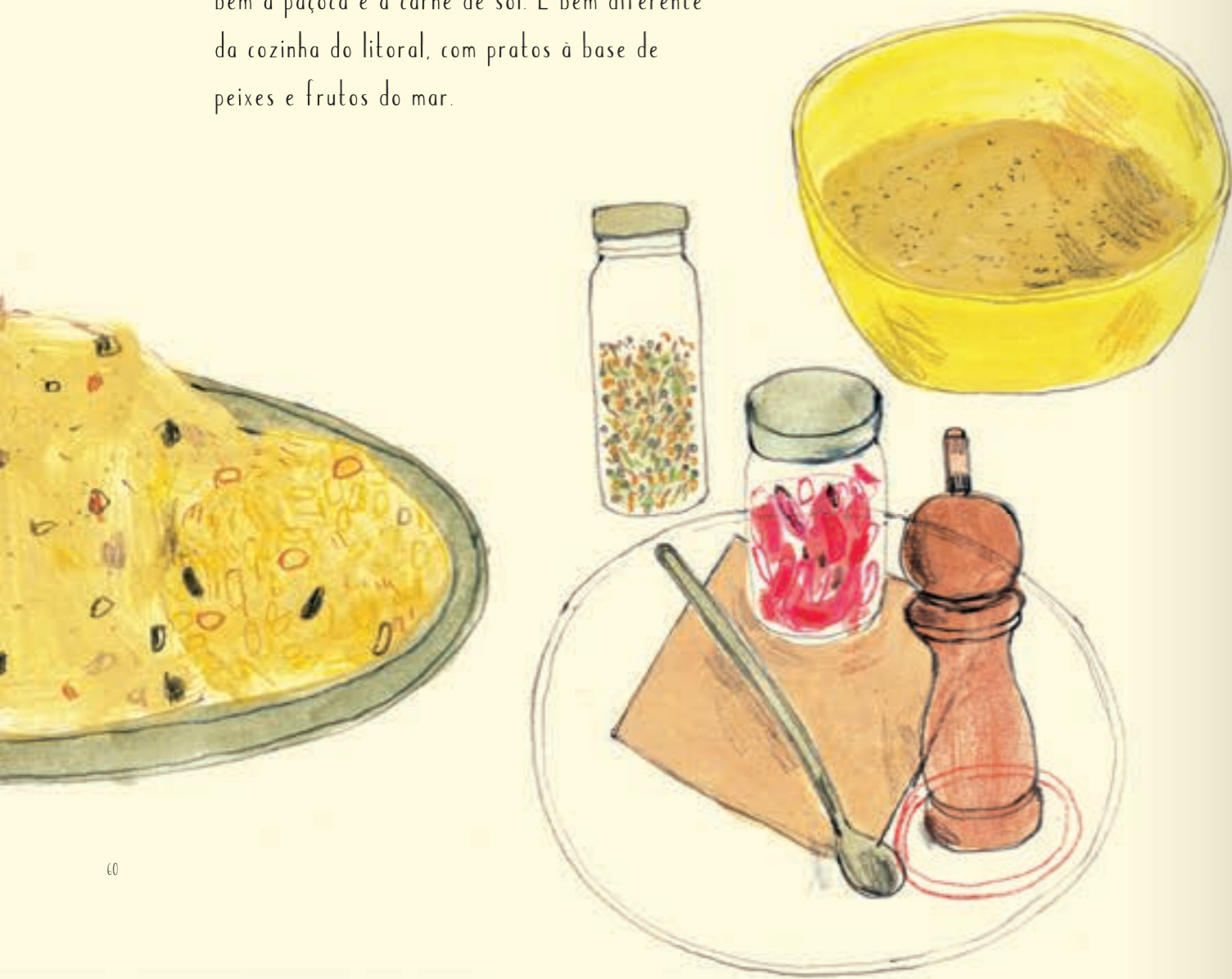
Tudo começou, na verdade, quando o padre comboniano Dom Rino Carlesi chegou ao Brasil, em 1952. Encantado com a beleza do país gigantesco e preocupado com as suas carências, Dom Rino se moveu para trazer missionários para Balsas.

O patrono dos comboninanos é São Daniel Comboni, que tem seu dia comemorado em 10 de outubro, data de seu falecimento, quando tinha apenas 50 anos de idade. Aconteceu em 1881, na cidade africana de Cartum. Uma alma caridosa, preocupada com os destinos de seus semelhantes.



Culinária

No interior do Maranhão existe uma deliciosa culinária, uma cozinha sertaneja, em que caem bem a paçoca e a carne de sol. É bem diferente da cozinha do litoral, com pratos à base de peixes e frutos do mar.



Diferente da Bahia, Maranhão não utiliza muito a pimenta na feitura dos pratos. Nós preferimos levá-la à mesa para que cada um se sirva como melhor entender. Usamos também outros temperos, como o cominho em pó e a pimenta-do-reino, principalmente nas carnes. Nas páginas seguintes, iniciaremos os leitores nos mistérios do chambari.





Receita de chambari

Também chamado de chambaril, esse prato é um clássico da nossa culinária. Mas não é de preparo fácil: demora mais de duas horas e meia para ser feito. Chame sua mãe para fazer a receita junto com você. Aliás, é bem provável que ela já seja mestra no assunto.

Vamos lá, primeiro os ingredientes:

1 kg de músculo com osso

2 colheres (chá) de sal

4 colheres (sopa) de óleo

2 cebolas pequenas picadas

1/4 colher (chá) de cominho em pó

1/4 colher (chá) de pimenta-do-reino

1 pimentão verde, sem sementes, picado

3 tomates médios cortados em rodelas finas

2 1/2 xícaras (chá) de água (500 ml)

1 xícara (chá) de farinha de mandioca crua

Sal a gosto

E para o pirão que acompanha:

1/2 xícara de farinha de mandioca fina

4 xícaras do caldo de cozimento do músculo.

Pronto, se você já separou os ingredientes,
é só seguir o passo a passo:

Em uma tigela grande, coloque a carne, o tempero
e o sal e deixe tomar gosto por 15 minutos.

Em uma panela de pressão, coloque o óleo e leve
ao fogo alto.

Junte a cebola, o pimentão e o tomate, e refogue
por 2 minutos, ou até que a cebola fique
transparente.

Coloque a carne na água, e deixe cozinhar por
30 minutos.

Retire do fogo e reserve a carne.

Junto com o molho formado na panela, junte
farinha de mandioca e cozinhe em fogo alto,
mexendo sempre, até encorpar.

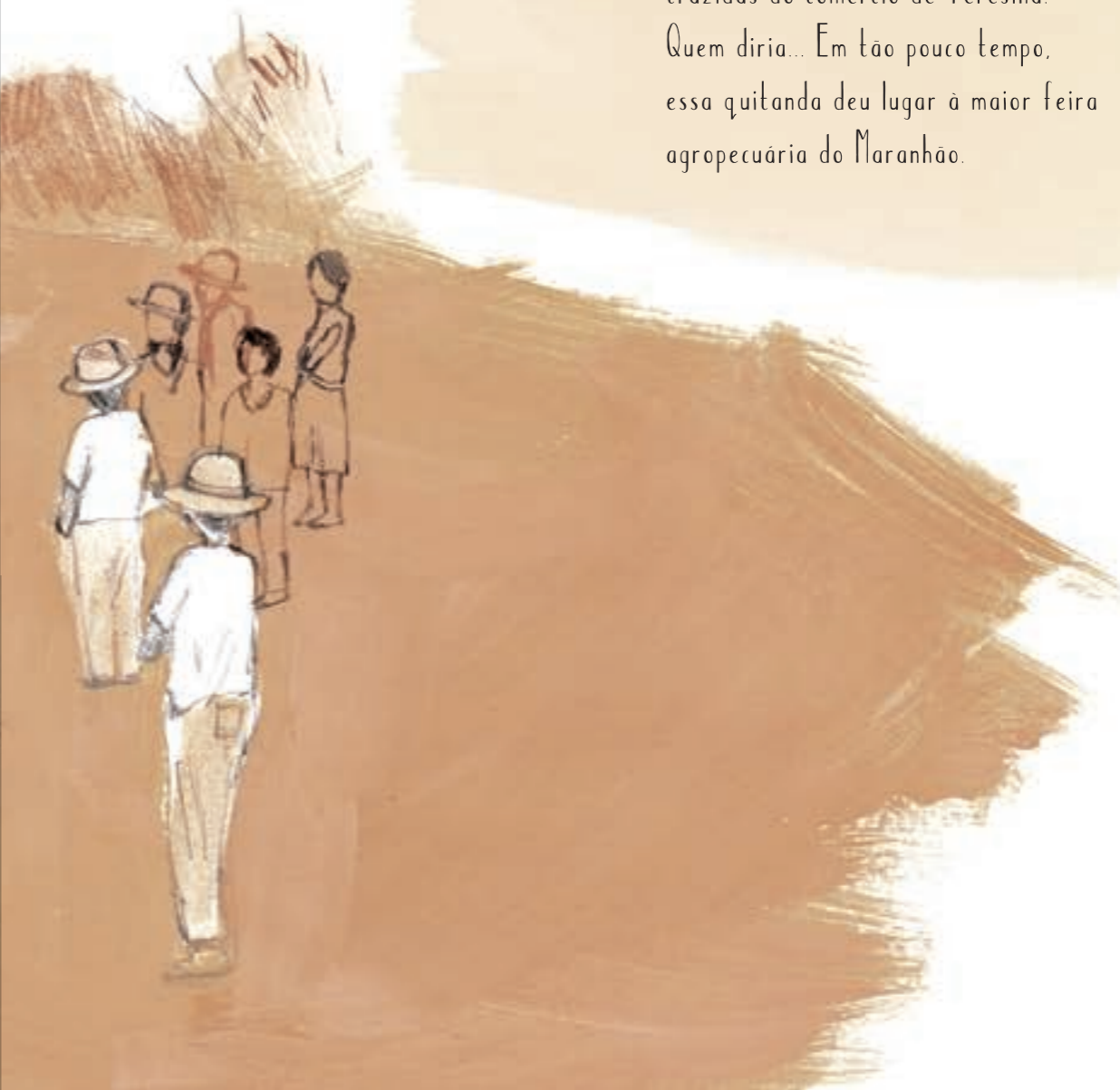
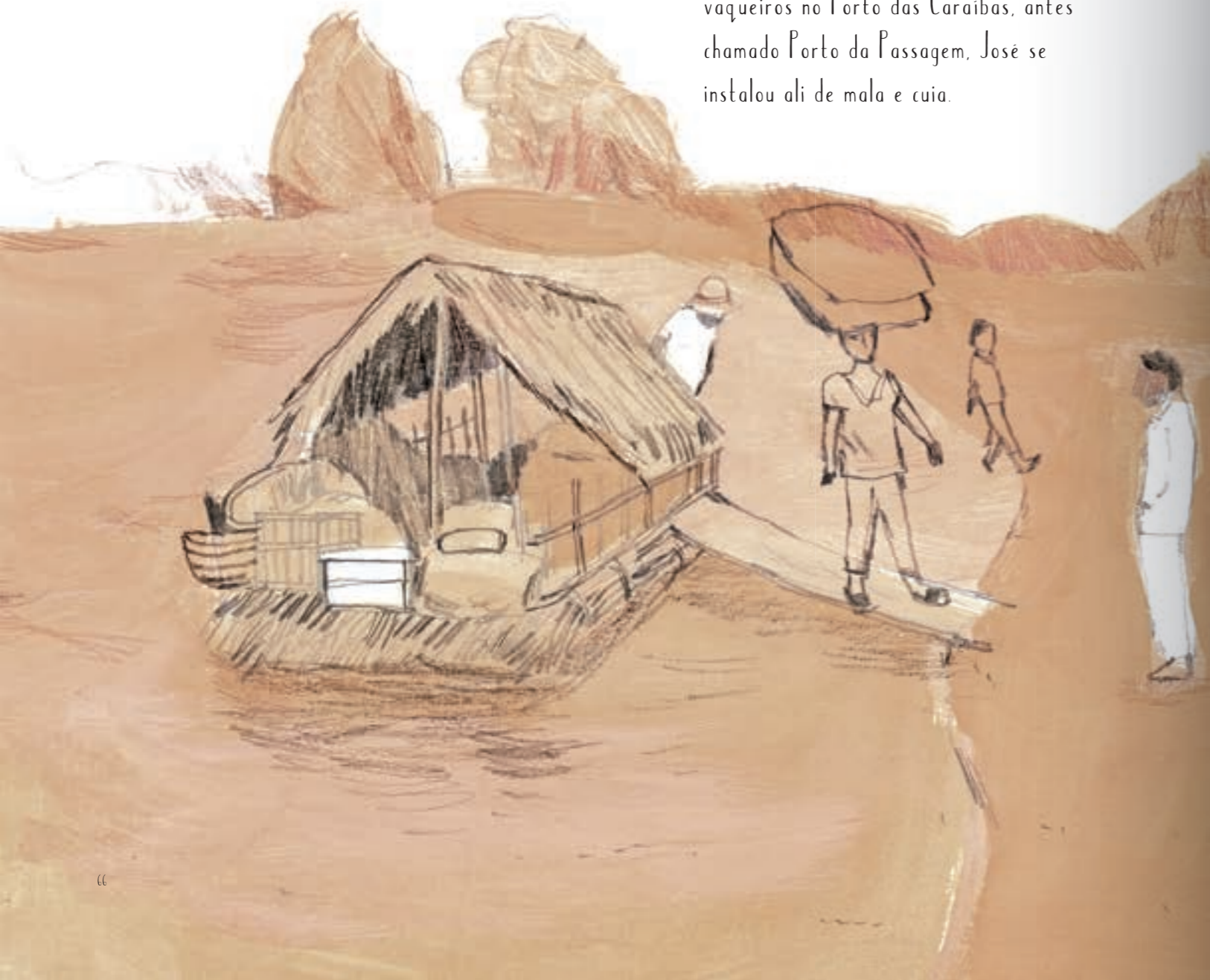
Sirva tudo imediatamente, pois todo mundo
já deve estar faminto.



Agrobalsas

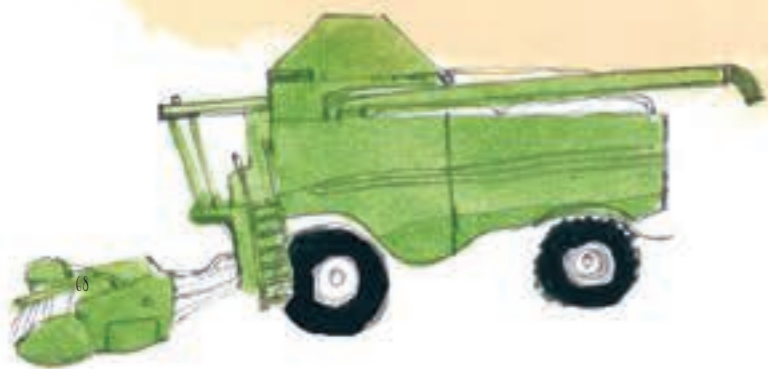
Antes de apresentar a Agrobalsas, vamos voltar um pouco no tempo, para falar do primeiro habitante da cidade, o canoeiro José Pedro, que viveu no final do século XIX. Atraído pelo grande movimento de viajantes, fazendeiros e vaqueiros no Porto das Caraibas, antes chamado Porto da Passagem, José se instalou ali de mala e cuia.

Ele construiu uma resistente canoa, que fazia as passagens no rio, todos os dias, trazendo pessoas e mercadorias. Na margem esquerda, montou uma quitanda onde vendia rapadura, farinha de mandioca, milho e outras coisinhas, trazidas do comércio de Teresina. Quem diria... Em tão pouco tempo, essa quitanda deu lugar à maior feira agropecuária do Maranhão.



A Agrobalsas é a maior feira do agronegócio do Estado e existe desde 2003. Apresenta palestras, debates, venda de máquinas e implementos agrícolas. Além disso, a noite é animada com shows de talentos locais, duplas sertanejas e artistas famosos da música popular.

A feira envolve mais de 500 expositores, muitos de outros estados, como Ceará, Bahia, Tocantins, Piauí, Paraná, São Paulo e Sergipe. É muita novidade, muita troca de experiência, muito conhecimento sendo oferecido à comunidade balsense.



As crianças adoram ir ao Agrobalsas, pois lá há grandes brinquedos, como o tobogã e a tirolesa. Além disso, elas saem da sala de aula e vão fazer aula prática na feira, visitando os expositores e fazendo amostras de projetos desenvolvidos nas escolas. Entre as tarefas e as brincadeiras, aproveitam ao máximo o acontecimento que se repete a cada ano.

Uma das atividades da feira que elas adoram são as apresentações de música. Mas elas também gostam de caminhar em volta do açude e jardins de flores, e ficam curiosas para visitar os estandes, ver os animais e tirar fotos com eles.

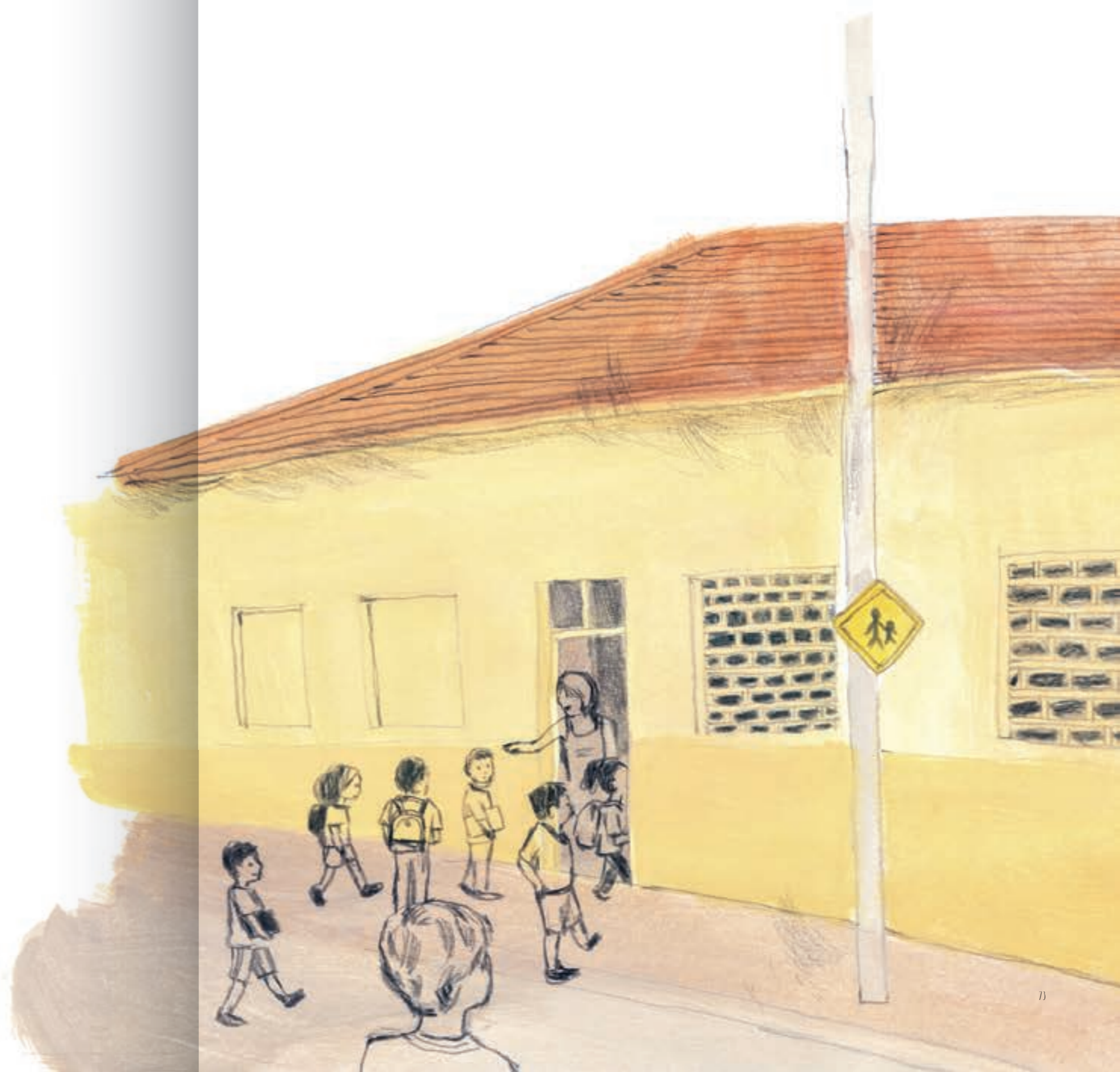
É há muitos locais para fazerem seu lanche. Nas barracas podem ser encontradas delicias regionais, como doce de leite, doce de abóbora, doce de coco, cocada e açaí, além do doce de buriti, que sempre faz sucesso. É uma visita que alegra toda a criançada e sempre deixa boas recordações.



Praça da Matriz - Praça Getúlio Vargas

A Praça Getúlio Vargas é a mais antiga da cidade e também a mais importante. Nela estão a Igreja de Santo Antônio, o Museu do Sertão e o marco zero da cidade. Você sabe o que é um marco zero? É o local que representa o centro geográfico de uma cidade. A partir dele, são feitas todas as medições de distância relativas a Balsas. Por exemplo, São Luís fica a 774 quilômetros do nosso marco zero.

Na praça está também a Escola Virginia Cury. Como tudo aqui é antigo, ela também é a escola mais antiga de Balsas, e hoje tem 720 alunos, nas turmas de Fundamental 1 e 2.





Na praça ocorrem os Festejos de Santo Antônio, que já foram citados lá atrás, e mais um monte de atividades, mesmo aquelas que parecem não ter importância mas dão graça ao nosso dia a dia, como os simples encontros entre velhos conhecidos. A verdade é que a Praça Getúlio Vargas é uma referência para o povo de Balsas.

De Santo Antônio já falamos muito, mas resta lembrar alguns fatos da sua Igreja. Sua construção foi terminada em 1929, quando aqui ainda era a Vila de Santo Antônio. E ainda hoje ela é o centro da vida católica da cidade, com missas, batizados e procissões.

E o Museu do Sertão, você já foi visitá-lo? Criado há mais de 20 anos, traz mais de 400 peças que ajudam a contar a história da cidade, todas doadas pelos próprios moradores.

Entre a coleção exposta se encontra uma maquete das nossas famosas balsas de buriti, com tudo de importante que fica dentro delas. Há também uma máquina utilizada para fabricar hóstias na década de 1950, doada pela Diocese do Município.

Vale a pena visitar o Museu: quem chegar lá encontrará roupas de vaqueiro, selas, um oratório e objetos da vida do sertão – como lamparinas e um ferro de passar roupas que usava brasas para gerar calor. Além de algumas “modernidades”, como máquinas de escrever, uma das primeiras televisões feitas no Brasil e rádios de válvula e transistor, que ainda funcionam. O Museu é como uma máquina do tempo, que nos permite conhecer como viviam nossos pais, avôs e bisavôs. Quem sabe ele também não ajude nossos filhos e netos a entender quem fomos e como vivemos nesse começo de século XXI? Espero que nosso livro também esteja lá para ajudar a contar essa história.





Edição: Otavio Nazareth

Projeto gráfico: Daniel Brito

Ilustração: Nara Isoda

Revisão: Fábio Bonillo

Produção editorial: Monique Rosa

Tratamento de imagens e produção gráfica: Ângelo Baima

Impressão: TypeBrasil

Agradecemos a toda a comunidade de Balsas, que nos recebeu de braços abertos e com muito interesse pelo projeto. Em especial aos alunos, professores e funcionários das escolas participantes, à Secretaria Municipal de Educação de Balsas, a Luciana Maria Cardoso e à equipe local da Monsanto.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, José
Balsas : a cidade da gente / José Santos ;
ilustração Nara Isoda. -- São Paulo : Editora Olhares, 2015.

ISBN 978-85-62114-54-0

1. Balsas (MA) - História - Literatura infantojuvenil I.
Isoda, Nara. II. Título.

15-11366 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Balsas : Maranhão : Estado : História : Literatura infantil
028.5

2. Balsas : Maranhão : Estado : História : Literatura
infantojuvenil 028.5



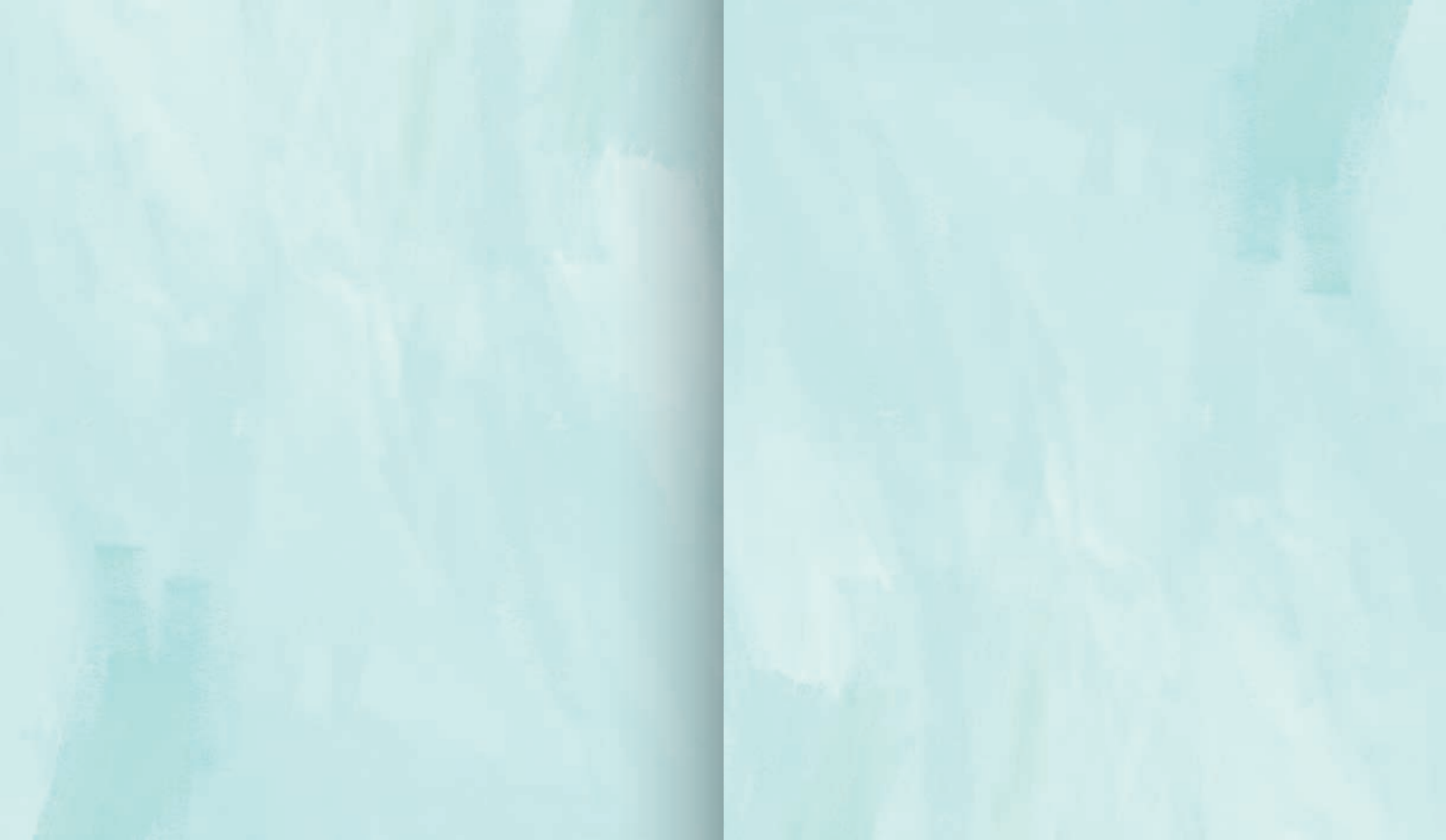
Produção executiva Apoio

doble
cultura+social


OLHARES

© 2015 Editora Olhares e autores.

Este livro foi composto em Gotham e Tall Abbey,
impresso pela gráfica TypeBrasil sobre papel offset Fosco
150g em novembro de 2015.



Era uma vez Balsas. Um dia a gente
que morava lá percebeu que a história
da cidade era a sua própria história...
O Rio Balsas, as festas populares, o
mercado público e a Agrobalsas fazem
parte dessa história, contada com a
ajuda das crianças da cidade.



MONSANTO



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

ISBN 978-85-62114-54-0

